

DEPÓSITO LEGAL
-2.AGO.1976

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

1976
1 de Julho

Director: João Gaspar Simões

Redacção, administração e oficinas:
R. de «O Seculo», 41 e 63—LISBOA

NÚMERO 1042
ANO 70.º

TELEFONE 362751 — LISBOA ★ A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR
TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO AVULSO — 1 ESCUDO

Não há tensões no PS a propósito do governo

— reafirmou
Mário Soares
aos jornalistas

«Não há problemas, dificuldades ou tensões no seio do Partido Socialista a propósito da formação do primeiro Governo definitivo», afirmou Mário Soares, ontem de manhã, à entrada para a reunião, como ele disse «estatutária», da Comissão Directiva do PS.

Acolhido pelos jornalistas à entrada do edifício do Rato, Mário Soares achou por bem convidá-los para uma sala do primeiro piso («não a Chinesa, para não pensarem que somos anti-soviéticos» — ironizou), onde, com boa disposição, criticou as formações dos governos vindas a lume em alguns órgãos de Informação.

Esta atitude dos jornais foi considerada por Mário Soares como incorrecta, pois «ainda não há nada

(Continuação na 4.ª pág.)



Mário Soares, falando aos jornalistas, à saída da reunião da Comissão Directiva do PS

Candidatos presidenciais no «divã» de Miller Guerra

Enquanto os grandes partidos políticos iniciam, através dos comunicados, uma guerra de posições quanto à questão da maioria que deverá governar este País (uns falam na parlamentar, outros na presidencial), organizações políticas, de menor envergadura, vão promovendo debates para um arrumar de ideias sobre os resultados eleitorais.

Assim, depois de a SEDES falar sobre a viabilidade de um governo minoritário e o enquadramento do Presidente da República pelo Conselho da Revolução, entre outros temas, aparece a Intervenção Socialista a discutir as Presidenciais, num estilo de **radiografar** os candidatos que apoiaram, ou, se quisermos, num estilo de deitar contas ao que está feito, para deitar uma olhadela no futuro.

No colóquio promovido pelo GIS, compareceram para falar: José Carlos Vasconcelos e Miller Guerra (por Ramalho Eanes), Luís Salgado de Matos (por Otelo) e Aurélio Santos (por Octávio Pato). Faltou alguém que respondesse pelo outro candidato — Pinheiro de Azevedo. Moderador do debate: José Carlos Megre.

Entre a assistência, podiam ver-se: Jorge Sampaio, Costa Correia, Eduardo Prado Coelho, César de Oliveira, João Benard da Costa.

Miller Guerra, inaugurador do colóquio, fez uma apreciação psicossociológica de dois candidatos: Ramalho Eanes e Otelo.

«São dois caracteres, duas personalidades, no sentido psicológico, opostas, e nas eleições foram dois pólos» — afirmou o orador, que apresentou assim aqueles militares:

«Otelo tem características de versatilidade, volubilidade, atracção pessoal de eloquência tribunicia — uma coisa pouco cultivada em Portugal até agora e que, provavelmente, vai renascer — e de espontaneidade, no sentido, sem desprimir para o candidato, de pouca cultura. Espontaneidade que nasce sem haver uma cultura prévia ou uma cultura muito elaborada. Este carácter atrai também muito os portugueses que têm da política e da liderança uma concepção que se

quadra perfeitamente com a personalidade de Otelo. Otelo não há dúvida que é uma pessoa que mobiliza multidões pelo carácter elementar de muitas das suas promessas, de muitos dos seus discursos e por saber aproveitar muitíssimo bem o seu passado político, erguendo uma bandeira em certos casos já caída ao longo do mastro, que era o 25 de Abril, e atraído sobre si uma série de indivíduos e personalidades de um eleitorado flutuante e que é atraído por um líder como ele se revelou.

«Contrastando com isso está — prosseguiu — Ramalho Eanes. Um homem austero, uma perso-

nalidade dura, que não sorria ou sorria pouco, que faz promessas nas quais as pessoas em geral acreditam, ou uma grande parte acredita, e sobretudo tem um carácter tranquilizante.

«São dois caracteres e personalidades diferentes, personalidades opostas e que traduziram dois aspectos diferentes das eleições. É por isso que o aspecto de Eanes é tranquilizante para muitos, depois deste período de política um tanto tempestuosa, em que as pessoas oscilaram entre o medo e a esperança, entre a ansiedade de ver mudar um regime e o temor do que vai ser o novo regime. É aqui que aparece um homem que de certo modo tranquiliza muita gente e atrai os votos.»

Otelo: um certo tipo de comportamento

Salgado de Matos começou por sublinhar alguns pontos que considerou significativos, e pormenorizou: «A candidatura de Otelo é uma candidatura bastante nova no contexto político português. Esse bastante nova significa que as pessoas estavam à espera de uma candidatura grupuscular, extremamente minoritária, repetindo os chavões e os «slogans» de antes do 25 de Novembro, e saiu uma coisa completamente diferente. E o que me parece mais diferente nessa candidatura é ela ser basicamente metodológica, ou seja, os grandes temas da campanha, quer da actuação do próprio Otelo quer da prática, é não apontar um caminho preciso, em termos de governo, em termos de aparelho de Estado, não fazer promessas específicas, mas sublinhar um certo tipo de comportamento.

O orador analisa, depois, os tipos de comportamento e afirmou ser a candidatura de Otelo uma candidatura nacional por oposição a candidatura regional, grupuscular, intelectual. É uma candidatura cujo objectivo directo, mais ou menos remoto em termos temporais, é o Poder, e julgo que isso não enganou nenhuma das classes sociais existentes em Portugal. Tratava-se efectivamente do Poder, da direc-



Miller Guerra

ção política da sociedade e não de uma brincadeira ou de uma candidatura de protesto ou de uma necessidade de afirmação de pequenos grupos sociais ou políticos. Essa necessidade de afirmação terá também existido mas foi efectivamente passada pelo «passé-vite» — as massas em movimento — e não se notou grandemente no decurso da campanha.

E mais adiante: «A candidatura de Otelo marca a adesão em termos de unificação popular e que ocorreu num país e não numa mera manifestação tendencialmente minoritária, marcando a adesão a um projecto de ruptura, no sentido de não ter ilusão quanto às soluções reformistas que eram oferecidas, quer pelo PS em relação ao general Eanes, quer pelo PCP em relação a Octávio Pato.»

Não estamos satisfeitos

Aurélio Santos, do CC do PCP, subordinou a sua intervenção ao significado da institucionalização da Revolução através da eleição presidencial.

Falando por m enorizadamente sobre os resultados das eleições, Aurélio Santos afirmou:

«É evidente que nós os comunistas não estamos satisfeitos. O resultado obtido pelo nosso candidato está bastante abaixo das possibilidades e da influência do nosso partido e, portanto, não corresponde àquilo que nós desejaríamos obter. Apesar de, em sectores muito variados, se considerar ser este o aspecto fundamental dos resultados eleitorais — falou-se na grande derrota do Partido Comunista — parece-me que isto representa outra coisa: querer-se comparar eleições presidenciais com votações programáticas, partidárias. É evidente que o candidato comunista não era um candidato para vencer, numa afirmou que seria um candidato para vencer. Por outro lado, muita gente votou no Otelo certamente convencida que era uma vitória, que havia uma alternativa a uma candidatura pela qual sentiam uma certa inquietação. Penso que isso é um outro factor também que determinou o resultado eleitoral. Foi o medo e uma eleição do general Eanes. Por muitos sectores era apresentada a falsa identificação do general Eanes com a direita, com o fascismo. Apareceu, muitas vezes mesmo, a ideia que identificava a candidatura do general Eanes com a recuperação reaccionária. É evidente que essa ideia espalhada levaria muita gente à conclusão que era necessário encon-

trar uma alternativa. E que melhor alternativa que um elemento que tinha tido uma participação destacada no 25 de Abril e se apresentava como alternativa possível? E mais, uma alternativa que atrás de si podia ter esta ideia da aliança e do apoio das Forças Militares a um movimento popular, que teve grande papel desde o 25 de Abril. Estas ideias influenciaram profundamente a polarização que se verificou nos

resultados eleitorais. Por outro lado, havia de facto razões de inquietação em alguns aspectos que a candidatura do general Eanes teve, principalmente na contradição de posições que se verificavam por trás dessa candidatura e na adesão e apoio que lhe deram forças nitidamente reaccionárias e causam profunda inquietação, pelas suas concepções, nas mais largas camadas do Povo Português.»

Costa Gomes não passa a marechal

O Presidente da República, general Costa Gomes, não será promovido a marechal — garantiu-nos uma fonte militar, altamente colocada. Acrescentou que, quando Eanes tomar posse, Costa Gomes passará à reserva. Isso, porém, não quer dizer que a sua experiência não seja aproveitada. Falta é escolher o cargo, estritamente técnico, que seja compatível com o prestígio do general.

Por outro lado, a mesma fonte desmentiu o relato de um correspondente estrangeiro, segundo o qual uma reunião, havida nas Necessidades, entre Ramalho Eanes e oficiais do chamado Grupo dos Nove, teria provocado fortes reacções entre militares que geralmente apoiam o Presidente eleito.

Acrescentou: «Essa reunião não teve qualquer espécie de importância. Nela, não foram tomadas quaisquer decisões — nem, ao nível da lei, que

Eanes respeita, o poderiam ser. Inclusivamente, não me parece que estejam correctas outras notícias, em que se disse que a questão do general Costa Gomes foi discutida, em termos de se admitir que havia possibilidade de tomar decisões. O general Ramalho Eanes foi ao Palácio das Necessidades, apenas para tomar contacto com vários problemas do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ou melhor: para que lhe fosse explicitada, em concreto, a linha de orientação do MNE, cujos assuntos têm particular importância para o Presidente da República.»

O facto de o correspondente estrangeiro ter feito referência a «dirigentes políticos», que consideraram a visita de Eanes como «inexplicável» levou aquela fonte militar a dizer que «tais dirigentes só poderão ter achado inexplicável uma visita cujo objectivo não compreenderam.»

Mário Soares aos jornalistas

(Continuado da 1.ª pág.)

sobre o elenco governativo». Para dar força a esta posição afirmaria que ainda não foi convidado oficialmente para o cargo de Primeiro-Ministro, visto que o Presidente da República eleito, ainda que proclamado, não tomou posse. Em virtude disto, adiantou, «não posso tratar obviamente desse Governo, bem como não posso tratar de contactos com outros partidos e discutir com eles programas de Governo».

Voltando a falar dos nomes vindos e designados para o primeiro Executivo, o futuro Primeiro-Ministro diria ainda que essas revelações — «actividade legítima dos jornalistas» — não têm qualquer base e têm dado, isso sim, origem a melindres pessoais pois, não raro, mencionam-se nomes de pessoas sem terem sequer sido contactadas.

O silêncio é natural e democrático

Outras notícias criticadas por Mário Soares são as que se prendem com a existência de uma divisão no seio do seu partido. Para o secretário-geral, esses rumores são resultantes de o PS «estar agora no centro da vida política do País». Essas acusações, lembrou, «remontam às eleições presidenciais e à escolha do candidato apoiado pelo PS, quando, na verdade todos os dirigentes do partido apareceram a apoiar o general Eanes e não obstante isso, continua a dizer-se que havia divisões no Partido Socialista.»

Estas notícias «ou boatos», afirmou Mário Soares, não têm qualquer consistência, podendo ser identificados como provenientes de grupos

anónimos estranhos ao partido.

A notícia publicada por O SECULO, na edição de ontem, onde se referia «que a ala esquerda chefiada por Lopes Cardoso, António Reis e Carlos Laje, teria reagido contra as condições apresentadas por financeiros alemães, para fazerem investimentos no nosso País» — fez perder o bom humor matinal de Mário Soares, que acentuou não haver alas no Partido, ao mesmo tempo que afirmou não ter a notícia «cabimento».

Com divergências ou não, alas de esquerda ou de direita a verdade é que, por parte do partido maioritário mormente por parte dos seus responsáveis, tem havido um completo silêncio, rompido por notícias — as tais especulativas — sobre a constituição do Governo. Mário Soares considerou ser esse «silêncio natural e democrático». A verdade, porém, é que, lendo a Constituição governamental publicada num semanário, Mário Soares ladeou a questão e não disse frontalmente quais os nomes que ali aparecem a mais. Melhor: não comentou tal notícia.

E esse silêncio irá continuar, estamos certos. Pois, Mário Soares — confirmando

o que Sottomayor Cardia dissera a O SECULO — deu a entender que, da reunião da comissão directiva não sairá qualquer informação concreta acerca da constituição do programa de Governo, o que, quando for altura, acontecerá aos olhos de todos, isto é, na Assembleia da República.

Resta esperar que Ramalho Eanes tome posse e que convide, oficialmente, Mário Soares para formar Governo.

Enquanto tal não ocorrer «não se pode fazer andar o carro à frente dos bois», porque «ainda não recebi o convite oficial para formar Governo».

Para já os partidos políticos não terão que se admirar de «não terem sido até agora contactados» e os profissionais de imprensa mesmo que acertem na «mouche», continuarão (utilizando as palavras de Soares) a «criar especulações».

Na mesa da reunião, sentaram-se, para além do secretário-geral, António Macedo, Sérgio Zenha, Tito Moraes e Marcelo Curto. Entre a assistência, todos os membros da comissão directiva

Na terça-feira, reunir-se-á o grupo parlamentar, que, segundo se prevê, discutirá as linhas gerais do Governo

EANES: primeiro presidente beirão

Ramalho Eanes, o primeiro Presidente da República nascido na Beira Baixa, vai ser homenageado, amanhã, em Lisboa, por casas regionais da quella provincia.

A festa realizar-se-á na Quinta das Conchas (Lumiar), com a presença do Presidente proclamado, e à tarde, exhibir-se-ão ranchos folclóricos da Beira Baixa.

Eanes teve, ontem, um encontro com membros da Comissão de Apoio.

No dia 15, às 18 horas, o general, então já empossado no cargo de Presidente da República, receberá os cumprimentos

do corpo diplomático creditado em Lisboa. A cerimónia decorrerá no Palácio Nacional da Ajuda.

Felicitações de Juan Carlos

O rei de Espanha, Juan Carlos, dirigiu uma mensagem de felicitações ao Presidente da República Portuguesa general Ramalho Eanes.

Na mensagem, o monarca espanhol expressou os seus votos pelo bom êxito do general Eanes e pelo futuro do Povo Português.